

AS NARRATIVAS SOBRE O FUTEBOL FEMININO O DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA EM CAMPO

Dra. LUDMILA MOURÃO

Professora do PPGEF da Universidade Gama Filho (UGF)
E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

Msnda. MARCIA MOREL

PPGEF/UGF
E-mail: m.m.bahia@bol.com.br

RESUMO

O século XX foi promotor da visibilidade e da estabilidade da mulher no esporte. A modalidade de futebol feminino (FF) fez inúmeras tentativas neste contexto mas ainda não encontrou seu espaço de permanência no esporte. A intenção deste estudo é acompanhar as narrativas da mídia impressa (jornais e revistas) no período de 1930 a 2000, sobre a trajetória do futebol feminino e analisar se o discurso da mídia impressa em campo vem veiculando representações de resistência à fixação do esporte feminino na sociedade brasileira. O que se observou é que as mensagens e significados do "quarto poder", por meio de metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência, apresentam-se cercada de estereótipos, interdições, polêmicas e normatizações sobre a prática do futebol feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; mídia impressa; futebol feminino; resistência; estereótipos.

INTRODUÇÃO

As idéias correntes sobre a mídia nos remetem aos diversos meios de comunicação e informação. Se pensarmos na produção e apreensão dos conteúdos veiculados por esses meios, a representação sobre as idéias passa a ser quase em tempo real. Contudo, o que mais nos causa surpresa é como as mídias são em relação à realidade social, espelhos de parque de diversões, seletivas em seus apetites, distorcidas em suas imagens (Gitlin, 2003). As notícias são um conduto de idéias e símbolos, um produto industrial que operacionaliza as perspectivas desencadeadas como um efeito dominó das ações midiáticas, que chega a ser desconcertante.

Para os profissionais que trabalham diretamente na mídia impressa, garimpando os cacos e as miudezas que dão significado ao mosaico da notícia, há com freqüência uma preocupação em produzir um discurso que legitima a informação com isenção e imparcialidade. Mas o que vem se observando é que esta transparência está longe de ser alcançada. Contudo, segundo Dizard Jr. (2000, p. 239), tendo como referência os jornais:

nenhum outro veículo tem a capacidade de coletar, registrar e distribuir informação em tantos níveis diferentes, desde as atividades diárias das cidades pequenas aos eventos nacionais e internacionais, como os jornais.

As mudanças imaginadas na mídia impressa, pela presença das novas mídias na era da comunicação de massa e da informação, não se realizaram, e hoje estudos como o de Dizard Jr. (2000, p. 220) corroboram esta idéia ao afirmar que "Johannes Gutenberg continua vivo nos jornais, revistas e nos 50.000 títulos de livros publicados anualmente nos Estados Unidos". A previsão de que os computadores e outros aparelhos eletrônicos poderiam transformar os Estados Unidos numa "sociedade sem papel", feita no início dos anos de 1980, por estudiosos da comunicação, foi cogitada na época, e hoje está avaliada como uma fantasia futurista.

Considerando a manutenção da expressão da mídia impressa nos diferentes setores da mídia, elegemos para este estudo acompanhar a trajetória do futebol feminino (FF) por meio de jornais e revistas, no período de 1930 a 2000. O foco da análise do estudo é observar as narrativas da mídia impressa sobre a trajetória do FF, e analisar em que termos o discurso da mídia impressa em campo vem veiculando representações de resistência a fixação do FF na sociedade brasileira. Essas narrativas serão analisadas nos jornais: *O Globo*(RJ), *Jornal dos Sports*(RJ), *Extra*(RJ), *Jornal do Brasil*(RJ), *O Dia*(RJ), *Hoje em Dia*(BH), e a revista *Placar*(SP).

Muito embora a análise feita contemple uma cronologia da história, trabalhamos com uma perspectiva de renovação da utilização das fontes, entendendo que uma multiplicidade de novas fontes, como é o caso das mídias, imagens pictóricas e

outras, figuram hoje, como recortes inusitados do real, até então não-visualizados pela história.

Em relação às narrativas jornalísticas utilizadas, trabalhamos com fragmentos e contamos com uma escassez de narrativas publicadas entre as décadas de 1930 e 1940 e com uma insuficiência de fontes entre as décadas de 1950 e 1960, considerado o período de interdição do esporte feminino pela legislação da época. Mas depois da década de 1970 as fontes já revelam nas páginas de jornais e revistas, com mais sistematicidade, a presença das mulheres praticando o futebol. O desequilíbrio e a diversidade entre as fontes impressas nos motivaram na construção do estudo, pois a perspectiva interpretativa assumida é visualizar no micro o macro, unindo os dados arquivísticos das leis e decretos sobre a prática do esporte feminino e a multiplicidade das relações sociais na análise da mídia impressa.

Partimos da hipótese de que as transformações discursivas associadas ao esporte feminino na sociedade brasileira são lentas, e em relação ao FF verifica-se que as mudanças, mesmo quando protagonizadas pela mídia, não deslançam. Há no FF um movimento “sanfona”, quando o contexto parece representar uma condição de estabilidade, permanência e manutenção na mídia e nos campos, observa-se de forma dinâmica uma retração desta prática. O FF, presente desde a década de 1930, é permeado por polêmicas de diferentes sujeitos sociais, entre eles a mídia, que analisamos neste estudo. As metáforas associadas às linguagens sobre o FF se ancoram em evidências do tipo: fragilidade, estética, masculinização e resistência.

A MÍDIA IMPRESSA COMO VIA DE MÃO DUPLA

A apropriação de fragmentos da mídia impressa em 1931 nos remete a uma época em que a cidade do Rio de Janeiro era “Districto Federal”, São Paulo a “Paulicéia”, fotos chamavam-se “instantaneos”, times eram “teams”, escrete era “scratch”, os jogos aconteciam no “stadium”, jogo era “match”, e o esporte ou “sport” mais popular era o “football”, quer dizer futebol, em que um “atrahente festival íntimo” era uma preliminar de “teams” de moças ou FF, num dia em que o Brasil Football Club programou vários “matches” com quadros de amadores masculinos convocados para cumprir o “programma” daquela tarde:

Este novel grêmio da AMEA¹ promove hoje, em seu campo, á rua Sá, na Piedade, um atrahente festival íntimo. A prova principal será entre dois teams constituídos de gentis senhoritas².

1. Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (Rio de Janeiro).

2. Matéria publicada no *Jornal dos Sports* de 3 de maio de 1931, no Rio de Janeiro.

Graças a iniciativa do Brasil F. C. da segunda divisão da AMEA, o povo suburbano já assistiu com muito agrado o desenrolar de uma partida de *football* tendo como contendores *teams* formados exclusivamente de moças.

O resultado foi um empate de 0 – 0, em vista do prélio não haver terminado, pois, um dos quadros – imitando os *footballers* “barbados” – retirou-se de campo não sendo, por isso aberto o *score*.

Querendo ganhar no campo contra todas as energias das antagonistas, as componentes da equipe favorecida pediram “revanche”, ou melhor, deu-a³.

Realizou-se ante-hontem no campo do Brasil F. Club, na Piedade, um jogo de *football* feminino entre as equipes “Madame Lessa Alves” e Madame Macedo...

A partida estava sendo disputada com entusiasmo. As pequenas empregaram-se com extraordinário ardor. De vez em quando, uma acertava a bola ou esta batia nellas, de maneira a fazer vibrar a assistência.

O jogo começou então, a descambar para o lado da brutalidade. Os defensores de ambos os lados “entravam” com fé nos *forwards* adversários, enquanto a “torcida” fremia.

Daqui ha pouco, a impetuosa “forward” Clélia, em violenta entrada, foi charqueada por Odette. Foi a conta! A victima levantou-se e “acertou” um bofetão em Odette. Ahi é que o tempo “fechou” mesmo de facto. As jogadoras se engalinharam e o jogo foi suspenso, nessa ocasião Olga então mostrou que é um “bocado mulher” distribuindo pancada. O Primo Carnera⁴ a sua vista seria “café pequeno”, naquella hora. Houve intervenção de outras pessoas e foi apaziguado o “desaguizado”. Houve interrupção do jogo que prosseguiu depois, calmamente, finalizando com a victoria do *team* “Lessa Alves”, por 1 – 0. No final os assistentes carregaram as jogadoras...⁵

Pela pouca intimidade das jogadoras com o esporte, o FF era um divertimento para os outros, a inabilidade fazia com que o jogo fosse visto como uma caricatura, com tons de comédia, misto de curiosidade e frenesi.

Embora o FF ainda não represente uma prática latente, observa-se nesses eventos um elo de inserção da mulher na esfera pública e como manifestação de um certo fervilhamento de uma época, em que a mulher já procurava legitimar a sua presença no esporte.

Em 1935, por exemplo, surgiram os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, que reuniram mulheres em atividades poliesportivas, entre as quais o futebol não estava incluído (Tavares, Portela, 1998). Apesar de as mulheres avançarem em

3. Matéria publicada no *Jornal dos Sports* de 16 de maio de 1931, no Rio de Janeiro.

4. Primo Carnera era um lutador de boxe italiano, que em 10 de junho de 1931 defendeu o título mundial de todos os pesos e esperava subir ao *ring* com cerca de 120 quilos.

5. Matéria publicada no *Jornal dos Sports* de 19 de maio de 1931, no Rio de Janeiro.

direção da prática esportiva e da inserção na esfera pública, os campos de futebol ainda estavam sacralizados às práticas masculinas.

Restringindo o processo de inserção das mulheres no esporte surpreendentemente, em 1941, é promulgado o decreto-lei n. 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de Organização dos Desportos em todo o país. E em seu artigo 54, faz referências à prática do esporte pelas mulheres. Preceitua que: “[...] Às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país [...]”.

Ainda em 1941, o general Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos algumas instruções que considerava necessárias para a regulamentação da prática dos esportes femininos. Estas serviram de base para a elaboração de um documento⁶ que oficializou a interdição das mulheres a algumas práticas esportivas, tais como as lutas, o boxe, a prática do futebol, *rugby*, pólo, *water-polo*, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino. Desta forma, o futebol passa a ser uma prática vedada às mulheres e, estigmatizado pela norma, “desaparece” da cena esportiva feminina brasileira.

Mesmo que esse documento e outros criados posteriormente se tornassem oficiais é pertinente dizer que na vida das mulheres esses lhes escapam. As práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções normativas, morais e sociais, aderiram à sua prática. Incentivadas ou não a participarem de determinadas modalidades, a ampliação da participação feminina no esporte possibilitou a emergência de algumas competições de grande porte, destinadas exclusivamente às mulheres. Organizados por Mário Filho, os Jogos da Primavera foram criados em 1949 e acontecem até hoje na cidade do Rio de Janeiro, envolvendo clubes, escolas e associações (Mourão, 1996).

Anos mais tarde, em 1965, o CND baixou, através da deliberação n. 7, instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de esporte pelas mulheres:

[...] N. 1 – Às mulheres se permitirá (!) a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N. 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, *futebol*, *futebol de salão*, *futebol de praia*, pólo, halterofilismo e baseball [...] (Grifos nossos).

6. Decreto-lei n. 3.199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

A simples leitura desses documentos nos conduz a indícios de que a legislação esportiva explicitava uma distinção entre as atividades físicas a serem praticadas pelos homens e aquelas a serem executadas pelas mulheres, mesmo o esporte sendo dividido por sexo, culminando por viabilizar aos primeiros, maiores oportunidades de desenvolverem-se em destrezas físicas. Nesta leitura, evidencia-se a intenção de se adaptar nossa juventude ao padrão de masculinidade e feminilidade vigente em nossa sociedade.

A utilização indevida do princípio da naturalização do fato social, sob o qual se apóia a compreensão de que as atitudes femininas são determinadas pela influência de suas características biológicas, foi o que serviu de âncora à idéia dominante da superioridade do sexo masculino sobre o feminino. Devido às alterações substantivas ocorridas no campo do legislativo do início dos anos de 1940 até a década de 1970 é que vamos encontrar as bases para gradativas mudanças na forma de se perceber a resistência como forma de participação da mulher no fenômeno cultural chamado esporte e especialmente no FF.

Hoje seria no mínimo comprometedor pensar na mídia como uma voz uníssonas. Ela não está isolada da sociedade, é uma complexa teia de circulação, recepção e interação de informações. A mídia impressa informa e noticia, influencia e é influenciada com desdobramentos da sociedade. A idéia da informação tendenciosa é filtrada pelo público com mais critério, todavia, os receptores nem sempre estão imunes a essa parcialidade da informação. A abordagem feita pelos profissionais da mídia, quando da formulação de suas narrativas, distancia-se da neutralidade e essa característica pode ser notada em diversos segmentos de informação e nas inúmeras dimensões que as notícias alcançam. Desse modo, podemos observar a mídia impressa como uma via de mão dupla, ela reforça e reflete fenômenos sociais.

De acordo com Morel e Barros (2003),

O século XXI apresenta o desafio de compor uma história da comunicação que saiba levar em conta não só a palavra escrita, mas igualmente o mundo da oralidade, o impacto de uma civilização do visual, a importância da mídia, com o rádio, a televisão, a informática e as telecomunicações (p. 106).

Durante a década de 1970 e início da década de 1980, o FF teve registro na mídia, sendo notícia nos jornais e revistas. Contudo, verifica-se nas manchetes o anunciar das desigualdades de gênero no futebol, por meio das narrativas da história delas no esporte: O futebol depois da louça lavada⁷, Mesa tirada, rumo à praia

7. Matéria publicada no *Journal do Brasil* de 29 de novembro de 1976, no Rio de Janeiro.

para o futebol⁸, Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol⁹, Salles, Silva e Costa (1996, p. 81).

Nesta época, vale ressaltar que os times de futebol de praia reuniam moças da classe média do bairro de Copacabana, na zona sul do município do Rio de Janeiro. Estas levavam para a praia os seus namorados, que assistiam a seus jogos. Essas moças contavam, também, com a companhia das empregadas domésticas, que após a jornada de trabalho se dirigiam para a praia em frente à rua Rodolfo Dantas, para juntas jogarem o futebol. O que se observa nas reportagens são metáforas polissêmicas e irônicas que ridicularizam a presença feminina em campo.

A construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina.

Vale aqui lembrar também outras experiências que compõem o contexto de resistência à participação feminina em campo. Em 1967, Lea Campos tornou-se árbitra de futebol, quando realizou um curso de oito meses na escola de árbitros da Federação Mineira de Futebol. Mas só em 1971 teve seu diploma reconhecido pela Fédération Internationale Football Association (Fifa). Para tanto, não poupou esforços recorrendo até mesmo ao então presidente Emílio G. Médici para conseguir tal reconhecimento, pois a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Constituição não permitiam sua atuação (Schumacher, Brazil, 2000). No mesmo período, outra Lea traçava o mesmo percurso para ser reconhecida no campo dos esportes tidos como masculinos. Lea Linhares, judoca gaúcha com grande projeção da mídia da época, primeira mulher faixa preta no Rio Grande do Sul, não teve seu título reconhecido porque era mulher.

Mas esta situação não era visitada só pelas jogadoras de futebol e as lutadoras de judô. Segundo a revista *Placar*¹⁰, na década de 1980, a fama dos esportes de quadra e da maioria dos esportes femininos, para a sociedade brasileira, na reportagem que versava sobre a jogadora de vôlei Isabel, intitulada, A Fada Madrinha – “era a de um antro de homossexualismo, praticado por mulheres feias e masculinizadas”.

Os anos de 1980 e 1990 caracterizam-se pela maior inserção das mulheres em esportes antes considerados violentos para a participação feminina. O judô, o

8. Matéria publicada em *O Globo* de 11 de abril de 1976, no Rio de Janeiro.

9. Matéria publicada na *1h Revista* de 31 de outubro de 1981, no Rio de Janeiro.

10. Matéria publicada na revista *Placar* de 25 de agosto de 1986, n. 848, em São Paulo.

pólo aquático, o handebol e o futebol são exemplos a serem considerados, agora já liberados. Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que sua participação como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens. Esta diferença pode ser identificada nas mais diversas instâncias em que se praticam as atividades corporais e esportivas, tais como, nos Jogos Olímpicos, nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras e também nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção.

Também nos anos de 1980 e 1990, a mídia impressa tenta com sucesso desmistificar a imagem masculinizada da esportista e veicula como estratégia do seu discurso a representação das *musas* esportivas na imagem de várias atletas femininas oriundas de diferentes esportes. Estas passaram a encarnar o ideal físico da mulher dos anos de 1980, que apresentava uma harmonia atlética em que a beleza da musculatura incidia mais nas curvas do que na hipertrofia. Desta forma, as musas brasileiras não lembravam em nada as rivais da Europa Oriental, potências atléticas, cujos "corpos musculosos parecem pertencer a um estivador" (op. cit., p. 75).

A busca de um novo perfil da atleta no Brasil criou uma trajetória velada para o FF, marginalizando e inibindo ainda mais a prática, por mulheres, de um esporte essencialmente rotulado como masculino. A imprensa escrita deu bastante visibilidade ao FF no país na década de 1980, acompanhando o Esporte Clube Radar (E.C.R.) em sua trajetória de conquistas e desbravamentos da categoria pelo nosso território¹¹ e no exterior¹², ressaltando a técnica e a seriedade alcançadas pelo time.

Mulheres dominam os gramados nacionais.

Se você ainda acredita que o futebol é jogo só para homem pode ir colocando sua barba de molho. Pois, a III Taça Brasil de Futebol Feminino provou que isso é coisa do passado.

11. Em 1985, no Campeonato Estadual de FF (Ferj), o Radar/BRJ tornou-se tricampeão carioca invicto, vencendo o 1º turno (Taça Guanabara) e o 2º turno (Taça Rio de Janeiro). Em 1986, a III Taça Brasil de FF realizada no Rio de Janeiro, o Radar foi tricampeão brasileiro invicto.

12. Atendendo a convites das federações de futebol da Itália e da Alemanha, o Radar fez uma excursão à Europa, onde disputou três torneios e vários jogos amistosos.

O Radar, que conquistou em 1986 o Mundialito de futebol na Itália, voltou à Europa em setembro, para receber 24 mil dólares – aproximadamente Cz\$ 330 mil – pelas doze partidas na Alemanha, Suíça e na própria Itália. Além desse giro, o Radar também jogou na China, Japão, Caribe e Estados Unidos.

A equipe do E.C.R voltou do exterior valorizada, com propostas de grandes clubes pelas jogadoras brasileiras. O passe de Pelezinha estava cotado em 35 mil dólares, Roseli e Cenira, 30 mil dólares cada, Lúcia e Marcinha, 20 mil dólares cada, totalizando 205 mil dólares.

O E.C.R, de 1982 a 1986 (aproximadamente quatro anos), realizou 44 jogos, em três continentes, com 39 vitórias, 2 empates e apenas 3 derrotas.

Agora os campos são mesmo das mulheres que pisam o gramado e dominam uma bola com a segurança de um profissional. E foi assim, que o Radar sagrou-se Tricampeão Brasileiro¹³.

Boas também de bola – Elas não têm preconceito e muito menos defendem a tese de que futebol é para homem. Por isto, as meninas do Radar continuam faturando títulos, e ontem, na Ilha do Governador, conquistaram, pela terceira vez, a Taça Brasil de futebol feminino, ao vencerem por 3x0 o time do Internacional, de Porto Alegre. Os gols foram marcados por Cenira (2) e Roseli, todos com muito charme e o tão conhecido toque feminino¹⁴.

Estas narrativas, ao compararem o FF com o futebol masculino, afirmam que as mulheres têm a mesma competência que um profissional, demonstrando que as barreiras e as diferenças entre homens e mulheres neste esporte são coisas do passado. Logo, esta matéria exemplifica a ascensão do FF no Brasil, legitimando-o pela técnica e habilidade. Em contrapartida, no mesmo campeonato, encontramos outros jornais manifestando discriminações de diferentes naturezas em relação ao jogo de futebol praticado pelas mulheres¹⁵.

Na década de 1990, a mídia impressa produzia narrativas em que o padrão estético superava a técnica das mulheres no FF. A associação da beleza ao jogo levava sempre a uma atitude de desconfiança sobre as verdadeiras habilidades femininas no esporte.

Cariocas conquistam os mineiros – Elas driblam, matam a bola no peito, caem, se machucam, mas não se esquecem do lado feminino. Assim é o time de futebol de salão do Country/Poquet, do Rio de Janeiro, formado por garotas bonitas e boas de bola. Sem perder a pose de atletas, elas entram em quadra “produzidas”, ouvindo logo um comentário: “Bonitas desse jeito, será que elas jogam futebol?”¹⁶

Na reportagem de Jorge Luiz Rodrigues sobre as façanhas do time feminino de futsal do Vasco da Gama, campeão brasileiro, destacou-se que havia mulher na área de São Januário: “No Vasco, um time seguro e natural – (...) Uma multinacional

13. Matéria publicada no *Jornal dos Sports* de 13 de janeiro de 1986, no Rio de Janeiro.

14. Matéria publicada no *Jornal O Dia* de 13 de janeiro de 1986, no Rio de Janeiro.

15. Destaca-se em uma entrevista no ano de 1986, na final da III Taça Brasil de FF, parte sobre Cenira que jogava no E.C.R, artilheira do campeonato pela técnica, e outra parte sobre a jogadora Bel do Internacional F.C., modelo profissional sem preconceito, elogiando sua beleza e por posar para as revistas *Playboy* e *Mulher*; além de estar num *outdoor* espalhado por toda Porto Alegre, em que aparece anunciando a marca da primeira chuteira exclusiva para mulheres.

16. Matéria publicada no jornal *Hoje em Dia* de 17 de abril de 1990, em Belo Horizonte.

está interessada em estampar a marca de um absorvente higiênico nas camisas de um time seguro e natural”¹⁷. Percebe-se, nessa narrativa, a intenção de se correlacionar a característica reprodutiva da mulher, representada pela menstruação, com a metáfora da natureza e segurança femininas para o jogo de futebol. A marca da reprodução, que ontem era proibitiva à participação feminina no futebol, hoje é símbolo de conquista pela mulher no esporte.

Na reportagem de Cláudia Mattos sobre “músculos, suor e beleza no terreno dos machões”, a repórter apresenta atletas de remo, jiu-jitsu, futsal e fisiculturismo, contando histórias de quem faz “força” contra o preconceito. Ela, em suas histórias e a partir das imagens das atletas, formula as seguintes questões: “será que ainda há gente que acredita que músculos e beleza são inversamente proporcionais, ou então que determinados esportes são incompatíveis com feminilidade?”¹⁸. A própria autora responde: “[...] se esta espécie ainda sobrevive neste fim de século, é bom dar um passeio pelas academias e quadras de esporte na cidade para pôr fim, de vez, a estes preconceitos” (idem). Nestas narrativas, observa-se a intenção da repórter de criticar os estereótipos presentes ainda na relação entre a prática de esportes e a feminilidade.

O comentarista Armando Nogueira, na matéria, se afina com as idéias de Mattos em sua reportagem “A rebelião das moças” quando reafirma o desejo das jogadoras de repudiar velhos preconceitos que sofrem por causa do futebol. Sobre a seleção brasileira de FF competindo no Mundial de 2003, nos Estados Unidos, ele destaca:

[...] As moças da seleção se queixam de que são tratadas como mimosas pudicas. O técnico Paulo Gonçalves manda aliviar nos treinos físicos. Elas, ao contrário, querem pauleira o tempo todo. Que história é essa de pensar que somos bibelôs? Na verdade, as moças repudiam discriminações. A mulher moderna, que se afirma no esporte, não aceita velhos preconceitos. Com elas, a banda toca de outro jeito: nem caserna, nem convento. E, como não conseguiram dobrar o comandante, partiram para a rebelião [...]”¹⁹.

As mídias são hoje praticamente instantâneas, o FF faz uso dessa via de mão dupla, basta acompanhar a visibilidade que ocorreu na modalidade após a convocação da jogadora Milene Rodrigues²⁰ para a seleção brasileira, que disputou o Mundial dos EUA, em 2003.

17. Matéria publicada no jornal *O Globo* em 10 de março de 1993, no Rio de Janeiro.

18. Matéria publicada no jornal *O Globo* de 6 de março de 1995, no Rio de Janeiro.

19. Matéria publicada no jornal *do Brasil* de 1^a de outubro de 2003, no Rio de Janeiro.

20. Jogadora do Rayo Vallecano (Espanha), da seleção brasileira, ex-campeã de embaixadinhas e que figurou no *Guinness* (livro dos recordes), apresentadora de dois programas esportivos, mãe de Ronald

Ao fazer um paralelo do efeito Milene na seleção feminina, com as declarações do ex-técnico da seleção Paulo Gonçalves e do chefe da delegação brasileira Luiz Miguel de Oliveira, podemos constatar o fato, conforme se segue:

Sempre tem preconceito da masculinidade do time. Aí chega uma mulher conhecida, que é mãe, o que dá um aspecto feminino – explicou, lembrando que além de Milene, só a zagueira Mônica tem filhos.²¹

Milene tem dado uma grande visibilidade para a seleção feminina e isso é muito importante. Acontece esse interesse da mídia porque ela é esposa do Ronaldo. E para o futebol feminino do Brasil isso é muito bom, já que ela trouxe uma visão positiva para esse esporte – explicou Oliveira, deixando claro que o *marketing* em torno do nome Milene pesou na convocação, mais do que seu futebol²².

O chefe da delegação brasileira assume, na sua declaração, que a jogadora Milene foi convocada devido a uma estratégia de *marketing* pela sua ligação matrimonial com o jogador Ronaldo²³. Sua presença não se faz pelo critério técnico, relegada a segundo plano. Há, então, no selecionado feminino uma inversão de valores.

É convencional convocar uma seleção a partir de escolhas feitas com critérios objetivos, tais como refinamento técnico, habilidade, performance atlética e condicionamento físico. Mas na seleção feminina de futebol, recorrer ao critério de *marketing* é muito importante para a sua manutenção. Essa estratégia, declarada pelo chefe da delegação brasileira, legitima o efeito “sanfona” como metáfora da situação do FF no Brasil.

No entanto, cabe ressaltar que a situação do FF é tão grave que ele ganha mais com a participação da Milene do que perde sem os critérios seletivos aplicados à sua convocação. Pois esta jogadora, mesmo possuindo condições desfavoráveis tecnicamente, traz para a seleção feminina visibilidade e tráfico de influência pela condição que ocupa como mulher, na vida futebolística do país, por ser casada com uma celebridade.

Um levantamento da *Economist*²⁴ nos informa que “mesmo deixando de lado a propalada auto-estrada da informação”, em longo prazo as pessoas não vão

e ex-mulher do craque Ronaldo, jogador do Real Madrid (Espanha) e da seleção brasileira, pentacampeã mundial.

21. Matéria publicada no jornal *Extra* de 4 de setembro de 2003, no Rio de Janeiro.

22. Matéria publicada no *Jornal do Brasil* de 12 de setembro de 2003, no Rio de Janeiro.

23. Ronaldinho foi escolhido pela segunda vez como o melhor jogador do mundo e da atualidade, eleito pelos técnicos de seleções e jogadores vinculados à Fifa.

24. Matéria publicada na revista *Economist* de 1994, p. 27.

buscar informação na sua forma impressa, muitos continuarão a fazer assim, mas não será a única fonte. Portanto, se o FF recebeu uma atenção com o enfoque das publicações da mídia impressa como relatamos até aqui, ela contribuiu alavancando o esporte e também o tornando vulnerável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de mudança que o FF quer incorporar, eliminando estigmas sociais, desmistificando o futebol como um esporte masculino, tem se mostrado lento na sua construção, quase invisível, apesar de maior visibilidade atualmente na mídia impressa.

A narrativa de jornais e revistas é um dos fatores construtores da identidade feminina e do futebol nacional. Entretanto, essa construção dimensionada pela mídia impressa tornou-se um divisor de águas do FF, atravessada por narrativas e imagens que exacerbam uma comparação cansativa com os jogadores profissionais e com o futebol masculino, como se o FF não tivesse vez na cultura esportiva brasileira.

Por que o FF tem tanta dificuldade de sair da inércia? Como será a medida da equidade em campo?

Outras tentativas foram feitas no sentido de fornecer respostas dos efeitos das narrativas da mídia impressa, porém nem tudo converge. As mensagens e significados do “quarto poder”, mesmo nas metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência, tornam a linguagem seletiva para o público destinatário, que constrói e/ou reforça estereótipos, polêmicas, interdições e normatizações acerca da prática do FF.

Em relação ao FF, verifica-se que as mudanças protagonizadas pela mídia representam uma via de mão dupla e têm dificuldade de se manter. Há no FF um movimento “sanfona”, ou seja, oscilações constantes que parecem representar uma condição de instabilidade das mulheres nos campos. Observa-se uma resistência à inserção das mulheres nos gramados, como se o brilho do esporte pudesse ser diminuído pela sua prática.

A trajetória do FF nos jornais revelou que esse esporte ainda não encontrou seu espaço permanente na vida e na mídia esportiva brasileira. O que verificamos são ondas que até o momento oscilam mas não garantem o fenômeno das marés.

Narratives on women's football: the discourse of printed media at work

ABSTRACT: The twentieth century promoted the visibility and stability of women in sports. Women's football experienced many attempts in this context, but did not find permanent room yet in the field of sport. In this study our goal is to follow the narratives of printed media (newspapers and magazines) from 1930 to 2000, about the trajectory of women's football, and to analyze the terms under which the discourse of printed media, in this topic, focalizes representations of resistance against the inclusion of women's sport in Brazilian society. It has been observed that messages and meanings of the "fourth power" are full of stereotypes, interdictions, polemics and regulations about the practice of feminine football through metaphors of fragility, aesthetics, masculine body and resistance.

KEY-WORDS: Narratives; printed media; women's football; resistance; stereotypes.

Narraciones sobre el fútbol femenino: el discurso de los medios de comunicación gráficos en campo

RESUMEN: El Siglo XX impulsó la visibilidad y la estabilidad de la mujer en el deporte. El fútbol femenino como modalidad deportiva intentó afianzarse como tal, aunque todavía no encontró su espacio permanente en el deporte. El objetivo de este estudio es acompañar las narraciones de los medios gráficos (periódicos y revistas) a lo largo del período que va de 1930 a 2000, sobre la trayectoria del fútbol femenino, y analizar si el discurso de estos medios en campo ha promovido representaciones de resistencia al afianzamiento del deporte femenino en la sociedad brasileña. Lo que se observó es que los mensajes y significados del llamado "cuarto poder", a través de metáforas de fragilidad, estética, masculinización y resistencia, se presentan rodeadas de estereotipos, interdicciones, polémicas y reglas sobre la práctica del fútbol femenino.

PALABRAS CLAVES: Narraciones; medios impresos; fútbol femenino; resistencia; estereotipos.

REFERÊNCIAS

DIZARD Jr., W. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

GITLIN, T. *Mídia sem limite*. Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOREL, M.; BARROS, M. M. *Palavra, imagem e poder*. O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE, Sebastião (Org.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editora central UGF, 1996.

TAVARES, O.; PORTELA, F. Jogos femininos do estado de São Paulo (1935): a primeira "olimpíada" feminina do Brasil. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA*, 6. Universidade Gama Filho, EDUGF: Rio de Janeiro, 1998.

SALLES, J. G. C.; SILVA, M. C. P.; COSTA, M. M. A mulher e o futebol: significados históricos. In: VOTRE, Sebastião (Org.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editora Central UGF, 1996.

SCHUMACHER, S.; BRAZIL, V. É. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VOTRE, S.; MOURÃO, L. Women's football in Brazil. In: J. A. Mangan and Fan Hong (editors). *Kick off a New Era*. London: Frank Cass, 2003.

Recebido: 2 jul. 2004

Aprovado: 18 ago. 2004

Endereço para correspondência

Ludmila Mourão

Rua Benjamim Batista, 15 ap. 201

Jardim Botânico-RJ

CEP 22461-120